

Em 1929 a revista *Anais da História Econômica e Social*, criada por dois franceses, Marc Bloch e Lucien Febvre, provocou um turbilhão no domínio da historiografia, e se transformou no principal acontecimento do século nesse terreno. Tombou do topo das investigações a velha tendência positivista do séc. XIX, fortemente ligada ao movimento das elites. E se substituiu essa visada pela observação detalhada e metódica de um conjunto de aparentes banalidades, como a observação do cotidiano de uma época, de uma localidade – de um personagem, no seu limite –, seu sistema de valores, sua crença, suas atividades. A riqueza do novo enfoque surpreendeu. O que se convencionou chamar "Nova História" teve um atrativo a mais, além da inteligente e aguçada aproximação com outras ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a geografia e a economia, para ficarmos com algumas. A Nova História habilmente adotou a narrativa como forma de expressão, e com isso aproximou um grande público ávido por novas explorações inteligentes da linguagem e do pensamento. Como resultado dessa abordagem que conquistava mais e mais leitores, as mídias por sua vez foram atraídas pelo fenômeno histórico – em mais de um sentido. Também nesse terreno essa historiografia se mostrou feliz, por engrossar uma onda de polêmica. *Nova História* é o atual dossiê da *Revista USP*. Nele, o leitor atento encontrará uma variedade de catorze textos que o farão localizar-se dentro de uma das discussões mais palpitantes no mundo da cultura nesse nosso século. E o fará de duas formas: através de textos "sobre" Nova História – que compõem a primeira parte do dossiê e vão até o ensaio de Lilia Schwarcz –, e outros "de" Nova História, que principiam no artigo de Ruy de Andrade Filho. Portanto, há lugar tanto para discussão conceitual, como para trabalho de campo. Preservando, assim, o caráter multidisciplinar da revista, no melhor estilo.

O EDITOR